

Três artistas, três estilos, três trajetórias no Centro Cultural Correios RJ: Alexandre Rapoport, Carol Ambrósio e Pàulla Scàvazzini

*“A música de Rapoport – Harmonia dos Traços”, “Jardim” e
“Língua de Fogo” estão em cartaz no Centro Cultural Correios / RJ*

Três mostras distintas se encontram no Centro Cultural dos Correios, no Rio de Janeiro, desde o final de maio: *“A Música de Rapoport – Harmonia dos Traços”*, de Alexandre Rapoport; *“Jardim”*, de Carol Ambrósio; e

“Língua de Fogo”, de Pàulla Scàvazzini. Não são apenas estilos e percursos distintos: são histórias que se encontram numa encruzilhada palmilhada pelo campo fértil da arte contemporânea.

“A MÚSICA DE RAPOPORT – HARMONIA DOS TRAÇOS” | ALEXANDRE RAPOPORT



Foto: Divulgação

O eixo conceitual da produção artística de Alexandre Rapoport (1929-2020) reside na ação invisível da música sobre o corpo, o movimento e o espaço. Em cada uma das 40 obras em exibição – entre gravuras, desenhos, técnicas mistas e esculturas – a sonoridade é traduzida em linhas, formas e volumes, pois permite que o som se torne visível, o que reafirma a atualidade da obra do artista no contexto da arte contemporânea.

Suas figuras, frequentemente compostas por volumes inflados, mãos e faces multiplicadas, operam como campos de energia nos quais o ritmo, a repetição e a ressonância ganham dimensão plástica. A produção do artista se caracteriza pela construção de uma linguagem própria, marcada pela força das formas e pela intensidade cromática, na qual a geometria é suavizada pela poesia. Desse equilíbrio sutil emerge uma visão lúdica, luminosa e profundamente otimista do mundo, capaz de transformar mais de sete décadas de trajetória numa eterna sonata visual.

SOBRE ALEXANDRE RAPOPORT

Pintor, arquiteto, gravador e desenhista, Alexandre Rapoport nasceu no Rio de Janeiro em 1929. Começou a pintar como autodidata mesmo antes de ingressar na Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, atual FAU-UFRJ, em 1948. Estudou desenho e gravura na Escola Nacional de Belas Artes e, desde aquela época, já participava de diversas coletivas com pinturas, desenhos e gravuras, no Museu Nacional de Belas Artes e no Ministério de Educação e Cultura.

Conviveu com Portinari a partir de 1949 e foi influenciado por sua obra. Conquistou menções honrosas em



Foto: Divulgação

1951 e 1952 em pintura, desenho e artes gráficas, no Salão Nacional de Belas Artes, além de outros prêmios relevantes. De 1953 a 1966, lecionou composição na universidade onde estudou. De 1956 a 1972 dedicou-se ao desenho industrial; expôs no Brasil e no exterior e, nesse período, fundou a *Módulo Arquitetura de Interiores*, onde se tornou o arquiteto responsável pela criação de mobiliário e objetos.

Além do Brasil, possui trabalhos em diversas coleções particulares e instituições em Roma, Viena, Zurique, Nova York, Londres, Tóquio, Paris, Buenos Aires, Antuérpia, Washington, Jerusalém e nas agências do Banco do Brasil em Hamburgo, Londres, Paris, Roterdã, Lisboa, Viena, Costa do Marfim e Estocolmo, além de ter textos publicados em dezenas de jornais e revistas, no Brasil e no exterior.



Foto: Divulgação

“JARDIM” | CAROL AMBRÓSIO

A mostra *Jardim* reúne obras recentes e inéditas da artista, entre esculturas, *assemblages* e trabalhos bidimensionais construídos a partir da coleta, destruição e recomposição de cerâmicas, porcelanas, toalhas de mesa e utensílios domésticos. Ao reorganizar esses elementos em estruturas instáveis, frágeis e ao mesmo tempo resistentes, Carol transforma o universo doméstico em um campo de reflexão sobre as construções sociais do feminino, seus códigos de comportamento e suas possibilidades de ruptura.

A exposição parte de um repertório íntimo ligado ao antiquário de sua família, ambiente onde a artista conviveu desde a infância com objetos carregados de memória, acúmulos e narrativas. Em *Jardim*, esse imagi-

nário reaparece em figuras fragmentadas, paisagens interrompidas, totens cerâmicos e composições híbridas, que parecem oscilar entre ornamentação e colapso. Em muitas obras, figuras femininas aparecem fundidas a objetos decorativos, vasos e flores, numa investigação crítica sobre os lugares historicamente atribuídos às mulheres, no espaço doméstico e social. São trabalhos que evocam comportamentos associados à mulher, ressignificados em construções marcadas por deslocamento, ironia e resistência.

– *“Existe uma ideia de composição harmoniosa que parece espontânea, mas que, na verdade, é cuidadosamente construída. Cada planta ocupa um lugar pensado previamente. Há uma tentativa de controlar aquilo*

que seria naturalmente livre” – observa a curadora da mostra, Gabriela Davies. “A exposição parte dessa metáfora para pensar como determinadas ideias de feminilidade foram historicamente cultivadas” – completa a curadora.

Entre as peças apresentadas estão obras da série “*Estruturas Moles*”, nas quais imagens femininas surgem parcialmente encobertas sobre pastilhas cerâmicas e tecidos bordados, além de *assemblages* que combinam porcelanas antigas, utensílios domésticos e esculturas híbridas. Também integram a mostra peças inéditas da série “*Bichos*”, em que figuras felinas e totêmicas aparecem como contraponto simbólico à fragilidade associada aos objetos decorativos tradicionais.

SOBRE CAROL AMBRÓSIO

Nascida em São Paulo em 1981, Carol Ambrósio é uma artista multidisciplinar. Sua produção se articula, em grande parte, na elaboração de *assemblages* e na reutilização de materiais. Interessada nos múltiplos significados das palavras e dos textos, seu trabalho permite possibilidades de discutir imagens pela via da metáfora. A artista realiza uma ampla coleta de cerâmicas tradicionais e de diferentes contextos – que são destruídas e reconstruídas. Como resultado, temos novos objetos que se formam por meio de jogos de palavras.



“LÍNGUA DE FOGO” | PÀULLA SCÀVAZZINI



Foto: Erika Garrido

Com curadoria de Shannon Botelho e reunindo quinze trabalhos – em sua maioria inéditos –, a mostra desdobra pesquisas recentes da artista sobre gesto, percepção e cor, aprofundando investigações iniciadas no duo show *“Between Utopias and Abyss”*, apresentado em Nova York, na Kaliner Gallery. Em cartaz até 4 de julho no Rio de Janeiro, a exposição explora paisagens apocalípticas contemporâneas e a experiência sensorial do espectador diante da obra.

Scàvazzini desenvolve uma pesquisa que tensiona os

limites entre arquitetura, corpo e pintura, deslocando o gesto do plano bidimensional para experiências imersivas em que a tinta avança sobre as paredes e pisos, em instalações e *site specific*s. Diante disso, a artista propõe questionar de que modo a percepção corporal do espectador pode ser modificada por meio dessa experiência sensorial e afetiva.

Suas obras, marcadas por forte gestualidade e por um estudo aprofundado da cor, da luz e da composição, partem do imaginário botânico tropical para construir

atmosferas que oscilam entre paisagem e ruína, articulando colapso ambiental e social à ideia de reinvenção.

A dimensão sensorial também se estende aos títulos das obras, pensados como micro poesias sinestésicas – *vento desértico; fogueira de sal; precipício, suspiro; tudo o que brilha ao norte e derrete em festa ao sul* –, que convocam cheiro, temperatura e memória, paralelamente ao encontro do olhar encontrar com a imagem.

Nesse contexto, tanto a exposição de Nova York quanto a do Rio de Janeiro compartilham eixos centrais de sua investigação: a pintura como gesto e performance; a exploração da escala – do íntimo ao arquitetônico –, a transformação da percepção espacial e sensorial do espectador e a construção de campos cromáticos intensos, que propõem simultaneamente destruição e regeneração. A partir de fragmentos de vegetação e de elementos orgânicos, suas obras se transformam em manchas, campos de cor e atmosferas que tensionam a relação entre figuração e abstração, refletindo as complexidades de um mundo contemporâneo em constante metamorfose.

A artista comenta: *“As duas exposições partem do imaginário botânico tropical, em que paisagens se desfazem em manchas e campos de cor. Essa dissolução da imagem é também uma recusa em oferecer a paisagem de um mundo em colapso como consolo, como se a arte pudesse restituir ruínas. O que me interessa é uma pintura que permaneça nessa tensão, e que, por isso mesmo, precisa sair da tela para encontrar o corpo. É essa pintura que, a partir do meu corpo em movimento,*

avança sobre o espaço arquitetônico e convoca um encontro com os outros corpos que entram na sala.”

SOBRE PÀULLA SCÀVAZZINI

Pàulla Scàvazzini (1990, São José dos Campos) é uma artista visual radicada em São Paulo. Sua prática se concentra na pintura como linguagem expandida, explorando múltiplos suportes e escalas, do pequeno formato à dimensão arquitetônica. Com formação em Artes Visuais, Educação Artística e Arquitetura e Urbanismo, sua produção articula cor, espaço e gesto em investigações que dialogam com temas como ecologia, colapso contemporâneo e imaginários de reconstrução.

A artista participou de residências em instituições como *Cité Internationale des Arts* (Paris), Zaratan (Lisboa) e *School of Visual Arts* (Nova York); apresentou exposições em espaços como Paço das Artes, Casa Triângulo e SVA. Seu trabalho integra coleções públicas, como o Museu de Arte Brasileira (MAB-FAAP) e o Museu Inimá de Paula, além de coleções privadas no Brasil e no exterior.

SERVIÇO

“A Música de Rapoport – Harmonia dos Traços”, de Alexandre Rapoport

Até 27 de junho

“Jardim”, de Carol Ambrósio

Língua de Fogo, de Pàulla Scàvazzini

Até 4 de julho

Centro Cultural Correios Rio de Janeiro

Rua Visconde de Itaboraí, 20, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: de terça a sábado, das 12h às 19h

Entrada: gratuita | *Classificação:* Livre